



Práticas Agroecológicas no Assentamento Rural Nossa Senhora Aparecida: Horticultura Familiar, Produção de Leite e Agrofloresta

Agroecological Practices in Nossa Senhora Aparecida Rural Settlement: Family Horticulture, dairy Production and Agroforestry

GONÇALVES, Morgana Suszek¹; MEZZOMO, Maristela Denise Moresco¹; QUINTANILHA, Andreia Szymomek²; TIRADO, Rosineide Marques²; BACK, Maria Salete²

¹Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Campo Mourão, PR, morgana@utfpr.edu.br, mezzomo@utfpr.edu.br; ²Assentamento Rural Nossa Senhora Aparecida, Mariluz, PR, andreaquintanilha3@gmail.com, rosineidetirado@gmail.com, mariasaleteback@yahoo.com.br

Resumo: A prática da agroecologia em assentamentos rurais é um reflexo de um contexto nacional de incentivo e ações, principalmente, por parte dos movimentos sociais do campo, com o uso dos saberes populares aliados a um modelo alternativo de produção sustentável. Diante disso, este trabalho teve por objetivo relatar experiências em práticas agroecológicas na horticultura familiar, na produção de leite e na implantação de agroflorestas, realizadas no Assentamento Rural Nossa Senhora Aparecida, no município de Mariluz, Paraná. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com três famílias assentadas e visitas de campo. De forma geral, observou-se que os desafios no desenvolvimento da agroecologia ainda são grandes. Entretanto, as práticas verificadas demonstram que iniciativas importantes já estão sendo desenvolvidas, as quais têm refletido em diversos aspectos como manutenção das atividades com trabalho familiar, concepção de melhoria da qualidade de vida, alimentação mais saudável e segura, noção de conservação e preservação do meio ambiente, geração de renda, entre outras.

Palavras-chave: agricultura familiar, alimentos seguros, floresta, horta, geração de renda.

Abstract: The practice of agroecology in rural settlements is a reflection of a national context of incentive and actions, especially on the part of rural social movements, with the use of popular knowledge combined with an alternative model of sustainable production. In view of this, this study aimed to describe experiences in agroecological practices in family horticulture, milk production and implementation of agroforestry, realized in the Nossa Senhora Aparecida Rural Settlement, in the city of Mariluz, Paraná. Were realized semi-structured interviews with three families settled and field visits. Overall, it was observed that the challenges in the development of agroecology are still large. However, the practices found show that important initiatives are being developed, which have reflected in various aspects such as maintenance activities with familiar labor, conception of improving the quality of life, food healthy and safe, concept of conservation and environmental preservation, generation of income, among others.

Keywords: familiar agriculture, safe foods, forest, garden, generation of income.

Contexto

Via de regra, nos assentamentos rurais é desenvolvida a agricultura familiar, com ênfase aos conceitos e princípios da agroecologia, que buscam a utilização de tecnologias aplicáveis à produção de alimentos mais saudáveis, aliados ao desenvolvimento social e às questões socioambientais, respeitando e conservando a natureza.

A agroecologia ajuda a fortalecer a vida rural das comunidades de agricultores familiares, pois reforça a importância da cooperação, do trabalho associativo na produção e na comercialização dos produtos e dos movimento sociais do campo (MOREIRA; STAMATO, 2009).

O Assentamento Rural Nossa Senhora Aparecida está localizado na Fazenda São João, no município de Mariluz, Noroeste do estado do Paraná (Figura 1). Nele encontram-se 235 famílias assentadas, distribuídas em lotes com 17,97 ha de área, sendo a área total de 5.758.3630 ha.

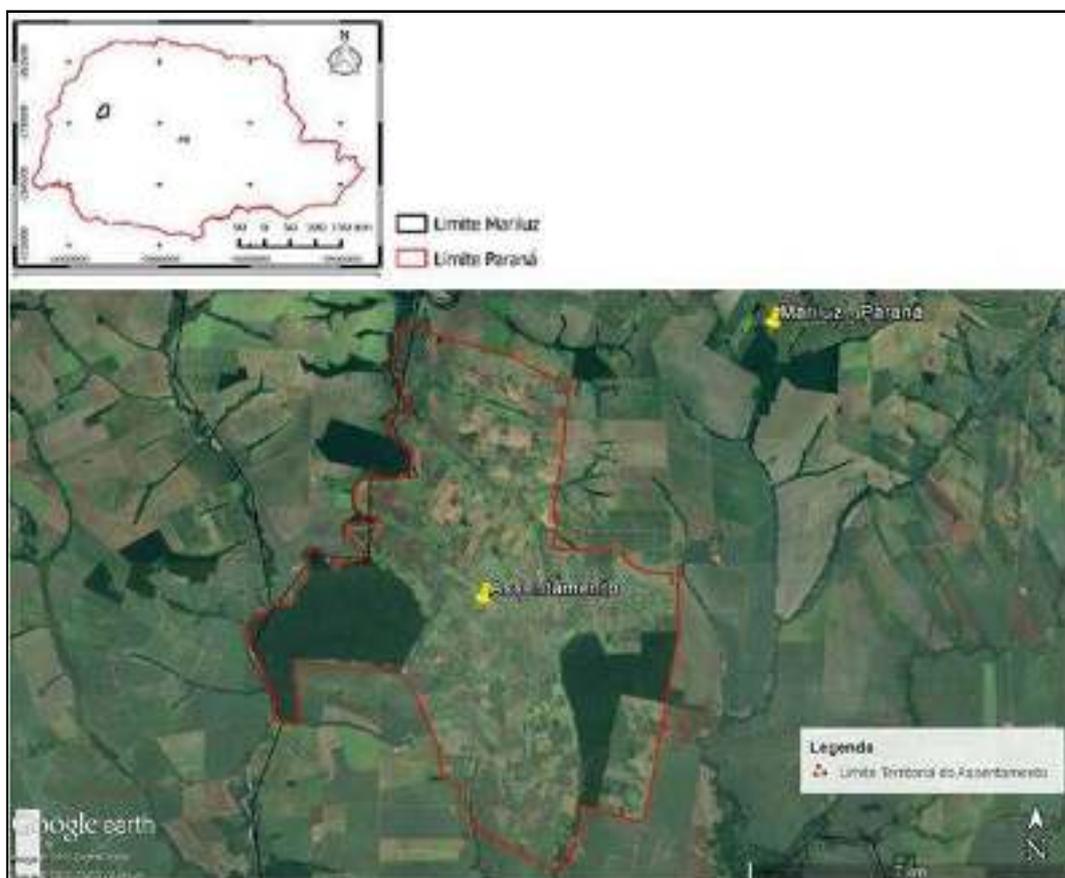


Figura 1. Mapa de localização do Assentamento Rural Nossa Senhora Aparecida. Fonte: Google Earth (2016).



As principais atividades de uso do solo no assentamento são destinadas tanto para a subsistência (principalmente hortaliças), como para geração de renda, envolvendo o cultivo de mandioca, cará, soja, milho, palmito pupunha, e criação de gado leiteiro.

A presença de práticas agroecológicas no Assentamento Rural Nossa Senhora Aparecida, é reflexo de um contexto nacional de incentivo e ações de inserção da agroecologia nos assentamentos, desenvolvido pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST).

As experiências que serão aqui relatadas referem-se a práticas agroecológicas na horticultura familiar, na produção de leite e na produção agroflorestal, desenvolvidas por famílias integrantes do Assentamento Rural Nossa Senhora Aparecida, município de Mariluz, estado do Paraná, Brasil.

A motivação dos assentados que foram entrevistados em exercitar a agroecologia e a agrofloresta, vem do próprio MST, que propõe a agroecologia como sistema produtivo às famílias assentadas, e da participação dos mesmos em oficinas, cursos técnicos e Jornadas de Agroecologia. Além disso, existe a consciência da inviabilidade do modelo agrícola convencional insustentável, do envolvimento da família na geração de renda, do respeito a terra, às pessoas e ao meio ambiente e da produção de alimentos mais seguros.

Dessa forma, o objetivo principal das experiências relatadas é justamente a produção de alimentos mais saudáveis para consumo próprio e também sua comercialização em feiras agroecológicas, supermercados, CEASA e laticínios (no caso do leite).

Descrição da Experiência

Horticultura familiar

A família da assentada Andreia Szymomek Quintanilha, composta por seu pai, mãe e irmão, reside no Assentamento Nossa Senhora Aparecida há 18 anos e sempre cultivou hortaliças e frutas para sua subsistência. No entanto, no ano de 2013, a família foi contemplada com a construção de uma estufa para produção de hortaliças, subsidiada a partir de um projeto de Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER) pela Agência de Desenvolvimento Regional do Extremo Oeste do Paraná (ADEOP).

A partir de então, a família intensificou a produção visando a comercialização, e adotando práticas agroecológicas para o cultivo tanto na estufa quanto fora dela, com orientações da assistência técnica local. Dentre as técnicas utilizadas estão a adubação com composto orgânico produzido a partir da compostagem de folhas,

capins, restos vegetais e esterco de vaca, e o uso de caldas para o combate de pragas.

Hoje a variedade de produtos é composta por alface, rúcula, beterraba, cenoura, vagem, repolho, cebola, alho, alho poró, ervilha, almeirão, couve-flor, cheiro verde, tomate, mandioca, pimentão, cará, e frutas (morango, abacaxi, lichia, laranja, banana, manga e acerola), além da produção de mudas de rosas (Figura 2).



Figura 2. Estufa e produção agroecológica no lote da assentada Andreia S. Quintanilha. Agosto de 2016.

O custo para a implantação da estufa e do sistema de irrigação foi de R\$1.800,00 e as mudas são adquiridas em Umuarama, cidade próxima ao assentamento. Os demais custos para a produção agroecológica são muito baixos, resumindo-se basicamente em energia elétrica para o bombeamento de água (captada em uma mina) e para o funcionamento do sistema de irrigação. A força de trabalho é toda familiar, sem a necessidade de contratação de funcionário ou auxiliares.

Em 2015, por intermédio da incubadora de empresas da Universidade Estadual de Maringá (UEM) e da Associação de Mulheres do Assentamento Nossa Senhora Aparecida (AMANA), a produção começou a ser comercializada na Feira Agroecológica do Município de Umuarama, distante cerca de 60 Km do assentamento, realizada aos sábados à tarde. Para o transporte dos produtos utilizava-se um caminhão baú e um automóvel, sendo o custo do combustível descontado no valor da venda dos produtos e o restante do lucro do dia dividido entre os produtores em partes iguais.

Atualmente a família já não participa da feira, mas continua a comercialização na forma de encomendas que são entregues na cidade de Mariluz, diretamente na residência dos compradores duas vezes por semana. A intenção da família é continuar a produção para consumo próprio e, a médio prazo, recomeçar a venda em feiras, supermercados e na CEASA de Umuarama.

Produção de leite

Uma das principais fontes para geração de renda no Assentamento Nossa Senhora Aparecida é a pecuária de leite, e a família da assentada Rosineide Marques Tirado é uma das quais tira seu sustento dessa atividade.

Rosineide e seu companheiro, Adriano Tirado, possuem formação técnica em agroecologia e vivem no assentamento desde 2006, com duas filhas pequenas. Inicialmente começaram a praticar a agroecologia na horta, para consumo próprio, e mais tarde na produção de leite. Hoje as práticas estão sendo desenvolvidas em pequenas proporções do lote e com o envolvimento da família.

Na horta da família são utilizadas práticas agroecológicas como o uso de caldas naturais, quebra-ventos, cobertura do solo, adubação verde, manejo de plantas espontâneas, compostagem e adubação com esterco de galinha e de gado e urina de vaca (Figura 3).

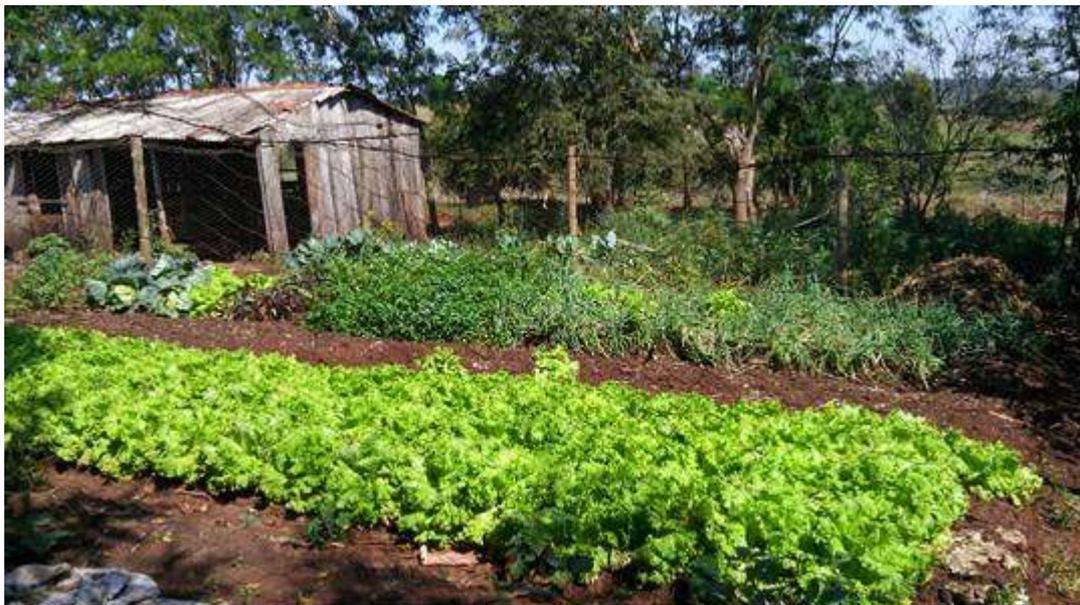


Figura 3. Horta com práticas agroecológicas no lote da assentada Rosineide M. Tirado. Agosto de 2016.

A produção de leite ainda não é totalmente agroecológica, mas algumas técnicas já são praticadas, como o uso de produtos homeopáticos para prevenção de mastites e

controle de parasitas, e o uso do Nim (*Azadirachta indica A. Juss*) para controle de carrapatos, bernes e moscas do chifre. Além disso, para alimentação das vacas é utilizado silagem de milho e foi feito o piqueteamento da pastagem para utilização do pastoreio rotativo, e são desenvolvidas as boas práticas sanitárias e de manejo adequado para assegurar a qualidade do leite (Figura 4).



Figura 4. Produção de leite com práticas agroecológicas no lote da assentada Rosineide M. Tirado. Agosto de 2016.

Todo o leite produzido no lote da família é destinado à venda para o Laticínio Pic Nic de Tapejara/PR, empresa que recebe 60% da produção leiteira do assentamento e beneficia leite convencional.

No Assentamento Rural Nossa Senhora Aparecida a assistência técnica em agroecologia era realizada pela própria Rosineide, inicialmente pela Fundação Terra e Emater e posteriormente (até 2015) pela ADEOP, a partir de Chamadas Públicas de ATER do Ministério do Desenvolvimento Agrário. Entretanto, atualmente os assentados estão desprovidos de ATER, uma vez que as chamadas não ocorreram devido a cortes de recursos por parte do governo. Dessa forma, os assentados tem buscados parcerias com a EMATER local e universidades.

Não apenas na atividade leiteira, mas em todas as atividades práticas da agroecologia no assentamento, uma das dificuldades encontradas é justamente a falta de assistência técnica específica, além da própria consciência e adesão das famílias, da disciplina no uso das práticas agroecológicas, da falta de conhecimento, da falta de incentivos e recursos financeiros e da dificuldade de acesso a novas tecnologias e ao crédito.

A família relata que para superar as dificuldades encontradas na produção de leite, busca conhecimento junto a veterinários e técnicos, no acesso à internet, e realiza mudanças nas técnicas que estão sendo utilizadas.

Para o futuro, a família pretende expandir a produção de leite em base agroecológica, melhorar a organização da atividade leiteira e expandir e diversificar as atividades, como a produção de frutas e hortaliças para comercialização.

Agrofloresta

A assentada Maria Salete Back vive há 12 anos com a família no Assentamento Nossa Senhora Aparecida, e desde que ingressou no MST participa de escolas de formação em agroecologia do movimento, das Jornadas de Agroecologia, e desenvolve práticas agroecológicas na produção.

Hoje a geração de renda da família está pautada na comercialização de leite convencional, palmito pupunha, urucum e produção de colorau. A família já contou com uma horta grande e a comercialização de produtos na Feira Agroecológica de Umuarama, mas com a inviabilidade dos custos com o transporte dos produtos e a conseqüente desistência da feira, atualmente o cultivo de hortaliças e do pomar é apenas para subsistência (Figura 5).



Figura 5. Horta com práticas agroecológicas no lote da assentada Maria Salete Back. Agosto de 2016.

Dentre as práticas agroecológicas que a família utiliza estão o uso da compostagem e de caldas para controle de pragas, da adubação verde, e da integração do urucum (*Bixa orellana*) com as vacas de leite.

No ano de 2013, a assentada Maria Salete conheceu o Projeto Flora – Florescendo a Reforma Agrária, um projeto realizado pelo Instituto de Agroecologia do Contestado em mais de 44 municípios do Paraná. O desafio é transformar áreas degradadas nos assentamentos da reforma agrária em ambientes saudáveis e produtivos (MONNERAT et al., 2016).

Assim, a vontade de fazer a agrofloresta foi crescendo, e hoje ela está em início de implantação no lote da família. A ideia é começar com talhões de mandioca, milho, arroz, feijão, batata, abóbora e hortaliças em consórcio com frutíferas e outras espécies arbóreas.

No lote a família possui uma grande diversidade de árvores frutíferas (Figura 6) como banana, goiaba, jabuticaba, pêssigo, café, amora, mamão, limão, laranja, entre outras, juntamente com espécies nativas, que até o final de 2016, aumentarão pelo plantio das mudas que já estão disponíveis e que foram adquiridas na última Jornada de Agroecologia.



Figura 6. Início de implantação de agrofloresta no lote da assentada Maria Salete Back. Agosto de 2016.

A assentada também está começando um trabalho de resgate, conservação, multiplicação e uso de sementes crioulas, também com o objetivo futuro de partilhá-las.

As dificuldades relatadas pela família foram a falta de recursos e a dificuldade e a burocracia para acesso ao crédito, a falta de assistência técnica capacitada em agroflorestas e a falta de implementos agrícolas. Entretanto, mesmo com as



adversidades, a família pretende ampliar o sistema produtivo agroflorestal e voltar a comercializar os produtos em feiras e supermercados, a partir do projeto da agroindústria familiar da AMANA (Associação de Mulheres do Assentamento Nossa Senhora Aparecida).

Resultados

Horticultura familiar

A comercialização dos produtos na Feira Agroecológica se manteve por oito meses, tornando-se inviável devido à distância, custos com transporte, baixas vendas e pouca variedade de produtos disponíveis. Além disso, foi relatado que o horário da feira (sábado à tarde) e o local de realização, não eram atrativos aos consumidores. Ainda, observou-se que os produtos oferecidos nas bancas eram muito parecidos, aumentando ainda mais a concorrência e favorecendo os feirantes locais (Umuarama), uma vez que estes possuem custos menores com o transporte.

Um dos problemas da participação de agricultores em início de transição agroecológica é a pouca diversidade de produtos, pois tendem a se especializar em produtos mais fáceis de produzir em sistema agroecológico e mais lucrativos deixando de produzir as demais. Dessa forma, acabam sobrando alguns tipos de produtos (a alface é o caso clássico) e faltam os demais. Como o comprador, por mais mobilizado que seja, não encontra todos produtos que precisa, acaba também abandonando a feira, e o público e as vendas caem.

Dentre os produtos do assentamento que eram vendidos na feira, o que mais destacou-se foi o palmito pupunha, demonstrando um nicho de mercado para projetos futuros.

Hoje a família produz apenas para seu consumo e vendas por encomenda. Entretanto, um projeto em andamento da Associação de Mulheres do Assentamento Nossa Senhora Aparecida (AMANA), da qual as mulheres da família participam, visa a implantação de uma agroindústria familiar para a produção de produtos agroecológicos minimamente processados. No momento o projeto está em fase de pesquisa de mercado e de quais produtos teriam a melhor tendência de comercialização. A ideia seria a venda em feiras, supermercados e CEASA, inicialmente nos municípios de Mariluz e Umuarama. O próximo passo será a busca por financiamentos e a realização da capacitação das mulheres com cursos de boas práticas de fabricação e manipulação de alimentos, e de cultivo dos produtos em bases agroecológicas.

Produção de leite



Com vistas ao aumento da produção e comercialização do leite, a família assentada acompanhada neste relato, juntamente com outros produtores, estão se organizando na forma de associação para venda do leite de forma coletiva, buscando um melhor preço de comercialização e também a compra de produtos com valores mais acessíveis.

Além disso, a associação visa um acordo com o laticínio Pic Nic para a capacitação das famílias para melhorar a qualidade do leite, e visitas de acompanhamento da produção por parte de técnicos da empresa.

Como impactos das práticas agroecológicas na produção de leite para a família, pode-se citar: a geração de renda, o envolvimento da família, a troca de conhecimentos e repasse de ensinamentos aos filhos, e o consumo e fornecimento de alimentos seguros.

Agrofloresta

A implantação da agrofloresta ainda está se iniciando, mas a família espera conseguir aumentar sua renda com a comercialização dos produtos agroecológicos, além de poder ter uma melhor condição de vida e oportunizar estudo de qualidade aos filhos. E ainda produzir alimentos mais seguros aliado às relações com a terra, com o meio ambiente e com as pessoas, construindo a geração de valores e buscando o envolvimento da família e a fixação dos jovens no campo.

Referências

MOREIRA, R. M.; STAMATO, B. **Agroecologia**. Botucatu: Instituto Giramundo Mutuando, 2009. 92p. (Cadernos Agroecológicos).

MONNERAT, P. F.; SOUZA, N. A.; VAZ, B. A. Comunicação tem gosto? As experiências do Projeto Flora – Reflorestando a Reforma Agrária no Paraná. **Agriculturas**, v. 13, n. 1, p. 30-35, 2016.